

VACINA ANTICOCAÍNA

Pesquisadores da UFMG estão desenvolvendo uma vacina para tratar dependentes de cocaína, uma das drogas mais consumidas no mundo. Testado em roedores, o produto gerou anticorpos que removeram considerável quantidade da droga no sangue, impedindo que chegasse ao cérebro dos animais.

Página 5

Pasta base de cocaína usada nos testes da vacina desenvolvida na UFMG

Química constrói purificador para limpar água do Rio Doce

Página 3

EDUCAÇÃO e REBELDIA

Marcos Fabrício Lopes da Silva*

O aprender e a forma como aprendemos dependem das emoções, ou seja, a percepção do mundo ocorre, em primeiro lugar, por meio de estímulos recebidos pelos sentidos, e por isso não é possível pensar em educação e aprendizagem – e conseqüentemente em disciplina – sem levar em consideração o fator emocional. Ao focar a emoção como energia vital que liga o mundo externo ao mundo interno de cada um de nós, nota-se, por exemplo, que a abordagem da questão da disciplina, pela dimensão da moralidade, tende a se concentrar na penalização da indisciplina. O estudante que segue as normas de comportamento seria necessariamente um amante das virtudes ou age assim por temer o castigo e achar mais “lucrativo” não enfrentar diretores, professores e bedéis?

Certos atos de indisciplina podem se dar por questões genuinamente morais, como ocorre, por exemplo, quando um aluno é humilhado, injustiçado e, por isso, revolta-se contra as autoridades que o reprimem. Antes de mais nada, é preciso analisar os fundamentos das normas impostas e dos comportamentos esperados, pois os vícios autoritários costumam estar vestidos na pele de valores democráticos. Não podemos esquecer o papel da escola como espaço libertário de emancipação do indivíduo, no tocante à promoção de suas capacidades racionais e sensíveis, voltadas para a viabilização da dignidade humana em termos socioambientais respeitáveis. Para tanto, as instituições de ensino devem ser agentes culturais preocupados com a qualidade de vida no mundo, o que demanda o desenvolvimento do conhecimento científico compatível com a liberdade do saber e a responsabilidade do poder.

O inconformismo educacional contribui fundamentalmente para o desenvolvimento da consciência cidadã, via fortalecimento dos vínculos sociais que, de fato, prezam pela virtude ética entre nós: sobreviver, viver e conviver, com prudência, coragem e generosidade. Sabemos que o conformismo coletivo, diante dos frequentes abusos de autoridade e dos esquemas de corrupção recorrentes, prejudica o avançar da igualdade e da honestidade como virtudes fundamentais que precisam ser cultivadas permanentemente. Para suspender essa apatia social, a rebeldia como forma de manifestação de uma indignação esclarecida deve ser incentivada em nossas escolas para que o ativismo se fortaleça como movimento democrático de vanguarda política, qualificando o nosso espírito público para o exercício da cidadania plena e exemplar.

Quando se fala dos desafios da educação, muitos se referem à falta de motivação, às distorções entre o mundo da educação e o mundo do trabalho e à crise de valores. Nesse aspecto, ainda se espera que a escola resgate alguns valores que estão se desvirtuando cada vez mais. Sem dúvida, parece-me que, no que se refere à educação, uma questão preocupante, da qual deveríamos nos ocupar na atualidade, é a destruição do público em oposição ao privado. Vivemos o tempo em que o público – dimensão associada ao interesse de todos e não ao interesse de algumas partes – está

sendo progressivamente destruído. A rebeldia vem sendo desencorajada em nome de um projeto conservador e fascista, travestido de empreendedorismo e meritocracia. O agigantamento da economia, em sua faceta neoliberal, apequenou a política, cujo interesse passou a ser o de favorecer o atendimento dos interesses partidários e corporativos. A educação e o social estão sendo apropriados cada vez mais pelas corporações e cada vez menos pelo Estado. Logo, a noção do “interesse público” entrou em declínio preocupante.

Sobre o tema em debate, a filósofa e professora da USP Marilena Chauí apresenta análise irretocável, em artigo intitulado *A universalidade operacional (Folha de S.Paulo, 9/5/1999)*: “A Reforma do Estado brasileiro pretende modernizar e racionalizar as atividades estatais, redefinidas e distribuídas em setores, um dos quais é designado Setor dos Serviços não exclusivos do Estado, isto é, aqueles que podem ser realizados por instituições não estatais, na qualidade de prestadoras de serviços. O Estado pode prover tais serviços, mas não os executa diretamente nem executa uma política reguladora dessa prestação. Nesses serviços estão incluídas a educação, a saúde, a cultura e as utilidades públicas, entendidas como ‘organizações sociais’ prestadoras de serviços que celebram ‘contratos de gestão’ com o Estado. A Reforma tem um pressuposto ideológico básico: o mercado é portador de racionalidade sociopolítica e agente principal do bem-estar da República. Esse pressuposto leva a colocar direitos sociais (como a saúde, a educação e a cultura) no setor de serviços definidos pelo mercado. Dessa maneira, a Reforma encolhe o espaço público democrático dos direitos e amplia o espaço privado não só ali onde isso seria previsível – nas atividades ligadas à produção econômica –, mas também onde não é admissível – no campo dos direitos sociais conquistados”.

Nesse sentido, lembro-me da voz marcante de Renato Russo, na canção *Geração Coca-Cola* (1985), acompanhada da fabulosa Legião Urbana, abrindo as nossas mentes e os nossos corações para a importância política da escola no combate aos perigos do imperialismo capitalista e do seu investimento ditatorial, massificado, consumista e alienador: “Quando nascemos fomos programados / A receber o que vocês / Nos empurraram com os enlatados dos U.S.A, de 9 às 6 / Desde pequenos nós comemos lixo / Comercial e industrial / Mas agora chegou nossa vez / Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês / Somos os filhos da revolução / Somos burgueses sem religião / Somos o futuro da nação / Geração Coca-Cola / Depois de 20 anos na escola / Não é difícil aprender / Todas as manhãs do seu jogo sujo / Não é assim que tem que ser / Vamos fazer nosso dever de casa / E aí então vocês vão ver / Suas crianças derrubando reis / Fazer comédia no cinema com as suas leis”.

Sem rebeldia, a escola perde a sua principal serventia.

* Professor da Faculdade JK, no Distrito Federal. Jornalista formado pelo UniCEUB. Poeta. Mestre e doutor em Estudos Literários pela UFMG. Graduando em Letras pela UnB.

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

IARA no RIO DOCE

Purificador de água desenvolvido no Departamento de Química vai ajudar ribeirinhos afetados pelo desastre ambiental de Bento Rodrigues

Luana Macieira

Há quase dois anos, foi registrado no subdistrito de Bento Rodrigues, em Mariana, o maior acidente da mineração brasileira. A tragédia ocorreu após o rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco, que é controlada pelas empresas Vale e BHP Billiton, e provocou uma enxurrada de lama que atingiu várias cidades ao longo do Rio Doce. Cerca de 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração tornaram as águas da bacia impróprias para consumo.

Um grupo de estudantes de cursos de graduação da UFMG, liderado pelo professor do Departamento de Química Rochel Montero Lago, desenvolveu um protótipo de purificador de água capaz de limpar 1 mil litros de água em apenas uma hora. O aparelho é capaz de transformar a água do Rio Doce, que ficou lamacenta após o desastre, em água potável e própria para o consumo. O protótipo foi batizado de Iara, em alusão à lenda da sereia que habita as águas limpas do Rio Amazonas.

“A água purificada pelo aparelho pode ser usada para beber, cozinhar, tomar banho e para a agricultura das famílias atingidas pelo desastre de Mariana. É um processo de tratamento para situações críticas, como catástrofes e acidentes ambientais”, afirma a estudante Maria Paula Duarte de Oliveira, do 6º período do curso de Química Tecnológica, uma das autoras do projeto.

O purificador conta com dois contêineres de 1 mil litros que realizam o tratamento da água de forma semelhante àquela feita pelas empresas de saneamento. Segundo Maria Paula, a diferença reside na velocidade do processo. “Enquanto a companhia de água realiza a purificação em três etapas, nosso aparelho é capaz de executar o processo completo em apenas uma etapa. Além disso, desenvolvemos um protótipo facilmente manipulado pelos ribeirinhos, que só precisam adicionar o produto no equipamento e aguardar enquanto a água é tratada”, diz.

O insumo aplicado no aparelho para purificar a água é o policloreto de alumínio.

Em contato com a água poluída, ele desencadeia dois processos: coagulação e floculação. O primeiro agrega as impurezas presentes na água, e o segundo faz a sujeira decantar no fundo do purificador. Uma equipe de profissionais responsável pela manutenção do aparelho vai realizar o descarte da sujeira. “O aparelho foi desenvolvido para durar oito anos. Além de visitarmos as comunidades ribeirinhas para ensinar as pessoas a operá-lo, também faremos manutenções periódicas nos locais”, afirma a estudante de graduação.

Maria Paula acrescenta que o protótipo mudou o modo como ela vê o seu curso de graduação. “Por meio do projeto Iara, percebi que o conhecimento acadêmico pode, de fato, ser aplicado, e é isso que queremos fazer para o resto de nossas vidas. Resolver um problema que afeta seriamente as pessoas é algo que nos motiva. Queremos impactar positivamente as vidas dos ribeirinhos do Rio Doce”, afirma.

Parcerias

A patente do Iara já foi depositada pela equipe da UFMG. O grupo também formalizou parceria com a H2O Especialidades, empresa que será responsável pela fabricação dos insumos e pela produção dos purificadores. Também está sendo firmada parceria com a Samarco, que pretende adquirir 200 aparelhos para distribuição entre os ribeirinhos.

“Os moradores mais afetados pelo desastre dependem de caminhões-pipa que, infelizmente, não são enviados todos os dias para as suas comunidades. A Samarco vai financiar a produção e o transporte de 200 aparelhos, enquanto nós ficaremos responsáveis pela manutenção e por ensinar os ribeirinhos a utilizá-los. A parte mais trabalhosa é a



Equipe do projeto às margens do Rio Doce: Rafael Capruni, Sergio Tondato, Rochel Lago, Maria Paula Duarte e Thais Norte

logística, visto que cada aparelho precisa de uma caminhonete para ser transportado”, conta Maria Paula.

A estudante destaca que o protótipo é versátil, pois pode ser adaptado para rios com características diferentes. “Mudando a concentração do insumo, chegamos a um produto que pode purificar rios poluídos por dejetos diferentes. Cada região ribeirinha tem uma necessidade, então visitamos as comunidades para entender o que elas precisavam. Já fizemos testes de campo, e as populações locais gostaram do aparelho. Ele é capaz de mudar a vida daquelas pessoas”, conclui Maria Paula Oliveira.



Equipamento purifica 1 mil litros em uma hora

Menos **LEITE**, mais **SILAGEM**

Pesquisa desenvolvida em Montes Claros avaliou desempenho de bezerros machos e fêmeas da raça Girolando em aleitamento fracionado

Luana Macieira

Responsável por 80% do leite produzido no Brasil, o gado Girolando é resultado do cruzamento entre bovinos das raças Gir e Holandês e se adaptou muito bem ao clima tropical. Devido à importância desses animais para a economia do país, pesquisadores do Instituto de Ciências Agrárias da UFMG (ICA), em Montes Claros, investigaram um processo para melhorar o desmame precoce dos bezerros leiteiros, a fim de aumentar os ganhos com a venda do leite e dos machos dessa raça.

O estudo *Performance of male and female girolando calves in gradual weaning with sorghum silage supplementation*, publicado no Journal of Dairy, Veterinary & Animal Research (JDVAR), reúne bons resultados em relação à criação e ao aleitamento artificial de bezerros da raça Girolando, por meio da inclusão de [silagem de sorgo](#) na alimentação desses animais. “Há na literatura poucos relatos sobre a fase de aleitamento artificial dos bezerros girolando, pois eles normalmente são aleitados pelas mães – sistema tradicional. Nosso objetivo foi criar separadamente os bezerros e desmamá-los precocemente. Isso é bom para o produtor, que poderá vender o leite, e para o consumidor, já que o produto ganha em qualidade, pois a presença do bezerro pode dificultar a higienização correta durante a ordenha”, explica o professor Eduardo Robson Duarte, um dos coordenadores do estudo.

No sistema tradicional, o bezerro girolando é desmamado pela vaca por volta de oito meses de idade. Para o produtor, é importante que o bezerro seja capaz de digerir forragens precocemente, reduzindo o custo de produção. O desmame foi realizado gradativamente: em 60 dias, o leite foi sendo retirado, aos poucos, das crias. “Inicialmente, fornecíamos para os bezerros seis litros por dia e, ao final de dois meses de idade, eles estavam ingerindo apenas dois litros. À me-

Alimento comumente produzido pelos criadores de gado leiteiro em regiões tropicais. A planta do sorgo inteira (caule, folhas e panículas contendo muitos grãos) é triturada, compactada e vedada com uma cobertura de plástico. Também podem ser adicionadas bactérias lácticas que auxiliam no processo de fermentação da silagem. Em 30 dias, o alimento está pronto para consumo.

da que retirávamos o leite, íamos introduzindo a dieta sólida, contendo concentrado e silagem de sorgo, respectivamente, a partir da segunda e da quinta semana de idade”, afirma o professor Mário Henrique França Mourthé, outro coordenador da pesquisa.

Os testes foram realizados com a silagem de sorgo, comumente utilizada nas fazendas leiteiras brasileiras. O grupo constatou que, apesar do desmame precoce, os bezerros conseguiram se desenvolver bem e com saúde. “Os bezerros apresentaram bom ganho de peso, e isso é muito interessante para o produtor. A silagem e o concentrado são normalmente mais baratos que o leite e podem contribuir para viabilizar a criação de bezerros machos leiteiros, que frequentemente são descartados após o nascimento em fazendas leiteiras tecnificadas”, diz Eduardo Duarte.

Cuidados

O grupo também comparou o desempenho de machos e fêmeas da raça Girolando durante os dois meses iniciais de vida. Esperava-se que os bezerros ganhassem mais peso que as bezerras, mas ocorreu o contrário. “Machos e fêmeas começaram a receber a silagem quando tinham um mês de idade. As bezerras se adaptaram bem à mudança, comendo maior proporção de silagem em relação ao concentrado com milho e soja. Já os machos, à medida que eram privados do leite da mãe, ingeriam mais concentrado. Isso provocou quadros de diarreia, retardando o desenvolvimento inicial desses animais”, explica Mário França Mourthé.

A orientação é que os produtores regulem a quantidade de concentrado e silagem servida aos bezerros em aleitamento. Como o valor nutricional do concentrado pode variar muito entre as fazendas, ele só deve ser fornecido quando sua qualidade microbiológica e nutricional for garantida.



Arquivo da pesquisa

Na fazenda do ICA, em Montes Claros, com os professores Eduardo Duarte (à esquerda) e Mário Mourthé, a aluna Iara Reis, do curso de Zootecnia, faz o aleitamento artificial de bezerro da raça Girolando

“O produtor não pode desmamar precocemente o bezerro e colocá-lo no pasto abruptamente, pois seu crescimento não será saudável. O capim não é suficiente para nutri-lo. A pesquisa nos mostrou que a silagem de sorgo pode representar um componente importante da dieta sólida dos bezerros para redução do leite no desmame precoce. Os manejos nutricional e sanitário adequados são fundamentais para que o desmame seja feito de forma a aumentar os lucros do produtor, sem prejudicar o desenvolvimento do bezerro”, conclui Eduardo Duarte.

Artigo: *Performance of male and female girolando calves in gradual weaning with sorghum silage supplementation*

Autores: Iara Maria França Reis, Kariny Fonseca da Silva, Matheus Xavier Costa, Pedro Augusto Motta Moreira Ribeiro, Emanuely Gomes Alves Mariano, Brenda Karoline Ancântara Faria, Mário Henrique França Mourthé, Luciana Castro Gerassev e Eduardo Robson Duarte

Publicado no Journal of Dairy, Veterinary & Animal Research (JDVAR) e disponível em <http://www.medcrave.com/articles/det/9849/Performance-of-Male-and-Female-Girolando-Calves-in-Gradual-Weaning-with-Sorghum-Silage-Supplementation>

COCAÍNA na MIRA

Pesquisadores da UFMG desenvolvem vacina para tratamento de dependentes da droga

Luana Macieira

Dados da Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes (Fife), vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), revelam que o Brasil é o segundo maior consumidor mundial de cocaína. A droga, que se popularizou na década de 1990, quando os cartéis colombianos produziam e exportavam mais de 500 toneladas do produto por ano, é considerada um problema de saúde pública, uma vez que governos federal e estaduais procuram alternativas para tratar os dependentes da substância.

Um aliado promissor para o tratamento desses dependentes é a vacina anticocaína, que está sendo desenvolvida por grupo da UFMG. A vacina, cuja patente já foi depositada pela Coordenadoria de Transferência e Inovação Tecnológica (CTIT) da UFMG, é fruto do trabalho de pesquisadores do Departamento de Química, da Escola de Farmácia e da Faculdade de Medicina.

O objetivo é obter substâncias com propriedade imunogênica que possam ser usadas no tratamento de dependentes químicos de cocaína. O professor Ângelo de Fátima, do Departamento de Química, explica que propriedade imunogênica é a capacidade que uma substância tem de induzir o sistema imunológico a produzir anticorpos. Esse sistema é a base para a criação de qualquer vacina. “Uma plataforma proteica é conectada a uma determinada substância na qual se pretende produzir o anticorpo. Depois de introduzida no organismo, a vacina ativa o sistema imunológico do paciente, e ele produz o anticorpo contra o agente que deve ser combatido”, explica.

Na fase de testes realizados com roedores, os pesquisadores perceberam que quantidades menores da droga chegaram ao cérebro dos animais vacinados. “A indução de anticorpos provocada pela vacina reteve uma quantidade maior da droga no sangue do roedor, não chegando ao cérebro do animal, que é o alvo biológico da cocaína. Conseguimos diminuir os efeitos da droga no animal, alterando o perfil farmacocinético da substância”, diz o professor Ângelo.

Os testes com os roedores já foram finalizados, e o conselho de ética da UFMG está avaliando o início dos experimentos com primatas, etapa que deve começar nos próximos meses. O grupo vai avaliar a toxicidade e a segurança da vacina, observando possíveis efeitos colaterais da substância. Depois, será iniciado o protocolo de testes em humanos, última etapa para que a vacina possa ser comercializada.

Ângelo de Fátima explica que existe, nos Estados Unidos, uma vacina anticocaína em desenvolvimento, porém a substância em teste nos laboratórios da UFMG apresenta uma diferença estrutural importante que facilita a sua produção. “As vacinas convencionais, como a anticocaína dos Estados Unidos, originam-se de plataforma proteica, que pode ser uma proteína de vírus ou de bactéria. A nossa vacina vale-se de uma plataforma não proteica feita 100% em laboratório”, conta.

Segundo o professor, a plataforma não proteica torna a vacina mais estável, fácil de ser manipulada e mais durável: “Como não usamos plataforma proteica, nossa vacina pode ser manuseada à temperatura ambiente e não precisa de refrigeração para a sua estocagem. Isso tudo torna a vacina mais barata e fácil de ser produzida.”



Foca Lisboa/UFMG

Ângelo de Fátima: menos droga no cérebro dos camundongos vacinados

Impacto social

O professor Frederico Garcia, da Faculdade de Medicina, destaca a vertente social de uma vacina que possa ser usada para tratar a dependência química, problema que hoje afeta mais de 18 milhões de pessoas no mundo todo. “Essa pesquisa pode trazer muito impacto para a saúde pública, uma vez que é grande o número de pessoas que sofrem transtorno por uso da substância e que poderiam ser beneficiadas pelo produto. O impacto social também ocorre porque, para cada dependente químico, existem, em média, outras três pessoas que também sofrem as consequências dessa dependência”, calcula o professor.

Apesar dos potenciais benefícios, Frederico Garcia ressalta que uma vacina anticocaína não deve ser vista como solução única para o complexo problema das drogas. “Em um campo em que ainda não existem medicamentos para tratar as pessoas, ela aparece como recurso que poderá ser associado ao tratamento psicológico e outras medidas”, diz Garcia.

A vacina poderá ter efeito especialmente positivo para alguns grupos, como as mulheres grávidas que nem sempre conseguem interromper o uso da droga durante a gestação. “Nelas, a vacina funcionaria como um escudo, impedindo que a substância chegasse ao feto”, explica o professor Ângelo de Fátima.

Segundo Frederico Garcia, caso os testes clínicos sejam bem-sucedidos, a vacina estará disponível no mercado em, no máximo, três anos. Ela também pode servir de base para estudos com outras substâncias. “O modelo dessa pesquisa não vale para o caso do álcool, que é uma substância quimicamente muito simples, mas pode ser aplicado a outras substâncias que causam dependência, como a heroína ou a nicotina”, conclui.

Pesquisa: Moléculas estimuladoras do sistema imunológico para tratamento de dependência a drogas de abuso, processos de síntese, vacina antidroga e usos

Pesquisadores: Ângelo de Fátima, Frederico Duarte Garcia, Simone Odília Fernandes, Valbert Nascimento Cardoso, Adriana Martins Godin, Angélica da Silva Maia, Leonardo da Silva Neto, Maila de Castro das Neves e Paulo Sérgio Augusto

LONGE da GESTAÇÃO

Pesquisa mostra baixo envolvimento de estudantes de odontologia no atendimento a mulheres grávidas

Ferdinando Marcos

“É necessário estabelecer estratégias que propiciem maior contato dos alunos em formação com as pacientes gestantes”, defendeu a graduanda da Faculdade de Odontologia Raíssa Elias na mesa-redonda *Tratamento odontológico durante a gestação no ensino da graduação*, realizada no último dia 17, como parte da 26ª edição da Semana do Conhecimento.

Na ocasião, foram apresentados os resultados da pesquisa desenvolvida por Raíssa sobre a percepção e os conhecimentos dos alunos de odontologia da UFMG acerca do tratamento de pacientes gestantes.

Alguns números contidos nas conclusões do trabalho alertam para a necessidade de repensar o percurso de formação. Embora 83% dos alunos tenham interesse em atividades de ensino que envolvam o pré-natal odontológico, 84% não atenderam gestantes. Os alunos do décimo período, em razão da maior ocorrência de disciplinas de atendimento de urgência, relataram maior número de atendimentos.

Por meio da aplicação de questionários, a graduanda, orientada pela professora Lívia Guimarães Zina, analisou quantitativamente – com suporte do *software* Epi Info – as respostas de 303 alunos, matriculados entre o quarto e o décimo período do curso. Ela também conduziu análise qualitativa por meio de questões abertas. O estudo foi motivado pela percepção de que é baixa a procura, por gestantes, de atendimento odontológico nos hospitais da cidade. Durante a gravidez, ocorre uma série de alterações físicas, psicológicas e fisiológicas nas mães. Nos questionários, as perguntas investigavam, entre outros aspectos, o uso de anestésicos, raios-X e a medicação que pode ser prescrita.

Entre os alunos que realizaram atendimento pré-natal, 43% afirmaram que se sentem preparados para esse tipo de procedimento, que, na maior parte dos casos, envolve restauração dentária e orientação sobre saúde bucal. Raíssa Elias lembrou, entretanto, que

o cruzamento desses dados com as respostas erradas dos alunos sobre os melhores procedimentos de anestesia e prescrição provoca a queda desse percentual. E apesar de 62% dos respondentes afirmarem ter recebido orientação sobre o pré-natal odontológico, 28% dos alunos relatam dificuldades no atendimento.

Parte de uma rede

Na segunda parte do evento, a cirurgiã-dentista da Prefeitura de Belo Horizonte Paula Molina, mestranda em Odontologia em Saúde Pública da UFMG, e a ex-coordenadora de saúde bucal de Belo Horizonte, Ana Pitchon, doutoranda na Universidade, falaram sobre acompanhamento odontológico pré-natal. Ambas foram responsáveis pela elaboração do protocolo de atendimento odontológico do SUS na capital. Ao abordar a rotina de acompanhamento do SUS, Paula Molina ressaltou que o atendimento continuado, hoje assegurado por lei estadual, é fundamental desde a constatação da gravidez. “Temos de nos reconhecer como profissionais de saúde, que integram extensa rede de cuidados ao paciente”, afirmou Paula.

Paula Molina convidou o público presente no auditório da Faculdade de Odontologia a avaliar gestantes hipotéticas, de quadros normais a quadros de hipertensas, e ressaltou que “o mais importante é acompanhar a história da paciente para que se possa traçar amplo perfil da gestante e gerar confiança, mitigando o abandono do acompanhamento, que sabemos ser muito recorrente e cercado por mitos como o de que a gestante não pode fazer radiografias ou tomar anestesia”. Raíssa Elias rebateu um desses mitos: para que a radiação afetasse minimamente um feto, seriam necessários mais de 500 exames de raios-X, número inalcançável em qualquer cenário.

Grades fragmentadas

Funcionária do SUS por mais de dez anos, Ana Pitchon alertou que, em Belo Horizonte, “menos da metade das gestantes acessam os serviços odontológicos, e desse número, menos da metade conclui o tratamento”. Ela salientou que está nas grades fragmentadas dos cursos a origem da falta de preparo dos alunos para lidar com o atendimento pré-natal. “Verifiquei a grade de uma das faculdades mais respeitadas no país e identifiquei a temática de gestação no quarto período, primeiramente, e, depois, somente no nono. As lacunas na formação fazem toda a diferença no atendimento, pois o ser humano não é dividido em especialidades como os currículos dos cursos. Um ensino menos fragmentado certamente vai qualificar o atendimento”, defendeu.

Recentemente, foi criada disciplina de acompanhamento odontológico para gestantes na Faculdade de Odontologia. De formação livre, ela pode ser cursada por alunos de todos os cursos da graduação.

[Matéria publicada no Portal UFMG, em 18/10/2017]



Lucas Braga/UFMG

Alunas em atendimento na clínica da Faculdade de Odontologia

POESIA E EDIÇÃO

A produção editorial de Guilherme Mansur – que trabalhou com obras de Haroldo de Campos, Paulo Leminski e Manoel de Barros, entre outros – está exposta no Centro de Memória da Faculdade de Letras (Fale). Fruto de parceria do Centro com o Gabinete do Livro, que é uma iniciativa inspirada em espaço da biblioteca ideal, a exposição *Guilherme Mansur: poeta editor* tem foco no texto poético e na edição contemporânea, artesanal e independente.

Mineiro de Ouro Preto, Mansur publicou seu primeiro livro de poesia, *Os sete fôlegos*, pela editora Risco do Ofício – a obra foi reeditada mais tarde com o título *Gatimanhas & felinuras*, em parceria com Haroldo de Campos, pela editora Katze Caderno. Também teve poemas publicados em diversas revistas e jornais literários. Coordenou a reforma gráfica do Suplemento Literário de Minas Gerais, fundou e editou o jornal de arte e poesia Amilcar.

O Centro de Memória está instalado no segundo andar da Fale, e a mostra ficará aberta à visitação até 9 de dezembro, de segunda a sexta, das 10h às 13h e das 14h às 21h.

FILOSOFIA NO BRASIL

O problema filosófico da existência ou não de uma filosofia no Brasil, que justifique chamá-la de brasileira, é o objeto do novo livro do professor Ivan Domingues, da Fafich. Em *Filosofia no Brasil: legados e perspectivas – Ensaios metafilosóficos* (Editora Unesp), Domingues dá às suas reflexões a forma de ensaio filosófico, tirando máximo proveito do ensaísmo, que, segundo o autor, é um gênero literário que extrai do presente ou do contemporâneo sua motivação e suas matérias.

O livro será lançado nesta sexta-feira, 27, às 14h, no auditório Baesse, da Fafich. Na ocasião, haverá debate com a participação do próprio autor e dos professores Eduardo Soares Neves Silva, colega do Departamento de Filosofia da UFMG, e Carlos Roberto Drawin, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). A obra tem 561 páginas e preço de capa de R\$ 89.

Ivan Domingues é doutor em filosofia pela Universidade de Paris 1 e cursou pós-doutorado nas universidades de Oxford e Notre Dame. Na UFMG, coordena o Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo, dedicado à análise de questões do mundo atual em abordagem transdisciplinar.



Raissa César/UFMG

Tela do Somos: sites individuais passam a ser criados automaticamente

'SOMOS' EM NOVA VERSÃO

Está disponível a nova versão da ferramenta de busca *Somos UFMG* (<http://www.somos.ufmg.br/>), que amplia as informações disponíveis sobre professores ativos na Instituição e sua atuação. A plataforma passa a contabilizar e expor, nos seus gráficos, toda a produção bibliográfica histórica da UFMG, incluindo impacto da produção dos pesquisadores.

Outra funcionalidade da nova versão é a criação automática de site individual para cada integrante ativo do corpo docente da UFMG, que pode ser acessado pela plataforma ou por meio da digitação do nome completo do professor. As páginas individuais são atualizadas automaticamente no momento da alteração do currículo Lattes.

PRÊMIO EM PORTUGAL

Os pesquisadores Aziz José de Oliveira Pedrosa e Naldeir Vieira, que concluíram recentemente o doutorado na Escola de Arquitetura e na Faculdade de Ciências Econômicas (Face), respectivamente, estão entre os vencedores da oitava edição do Prêmio Científico Mário Quartin Graça, parceria do Banco Santander Totta com a Casa da América Latina, de Lisboa. Eles vão receber 5 mil euros, cada.

Aziz Pedrosa venceu na categoria Ciências Sociais e Humanas, com a tese *A produção da talha joanina na Capitania de Minas Gerais – retábulos, entalhadores e oficinas*, sob orientação de André Guilherme Dornelles Dangelo. Naldeir Vieira venceu em Ciências Econômicas e Empresariais, com a tese *Inovação social e desenvolvimento de competências em organizações da sociedade sem fins lucrativos brasileiras e portuguesas*, orientado por Allan Claudius de Queiroz Barbosa, no Cepead/Face.

REDE DE MUSEUS

Projetos desenvolvidos por bolsistas das 19 unidades da Rede de Museus da UFMG compõem a terceira edição da *Mostra Virtual de Pesquisa e Extensão* (<https://www.ufmg.br/rededemuseus/mostravirtual2017/>). São apresentados 44 trabalhos que abordam temas como a preservação de acervos literários e fílmicos, a experiência da mediação no Espaço do Conhecimento, ensino não formal e ações socioeducativas e fotografia de acervos artísticos.

Além de gerar portfólio dos trabalhos de pesquisa e extensão, a mostra fomenta a formação de redes colaborativas entre os membros da comunidade universitária.

EFEITOS DO JEJUM

Projeto de mestrado que trata dos efeitos do jejum sobre as respostas inflamatórias, desenvolvido pela nutricionista Jeneffer Braga, da pós-graduação em Ciência de Alimentos, da Faculdade de Farmácia, recruta voluntárias para participação em pesquisa que verificará a reação de indivíduos, com e sem obesidade, ao jejum durante as atividades diárias.

As candidatas devem ter entre 19 e 59 anos e índice de massa corporal (IMC) igual ou maior a 35. Para participar, é preciso preencher questionário eletrônico (<http://bit.ly/2ziWp6n>) e comparecer ao Instituto Alfa de Gastroenterologia, do Hospital das Clínicas, onde farão jejum de 10 horas, durante o dia. A intenção é avaliar composição corporal, gasto energético, coleta sanguínea e humor. Outras informações podem ser obtidas pelo e-mail atendimentoufmg.ob@gmail.com ou pelo telefone (31) 99498-1474.

Novos **ATO**RES da **DIPLOMACIA**

Livro de Dawisson Lopes, do DCP, mostra que política externa brasileira ganhou maior participação da sociedade, dos partidos e dos presidentes da República

Itamar Rigueira Jr.

As três primeiras décadas pós-redemocratização foram marcadas por processo irrefreável de abertura da política externa brasileira à participação de instituições e personagens alheios ao ambiente tradicional da diplomacia. Agências governamentais, ONGs, empresas e a imprensa são alguns dos novos atores, que não apenas emitem opiniões, mas atuam de forma concreta. No livro *Política externa na Nova República: os primeiros 30 anos* (Editora UFMG), o professor Dawisson Belém Lopes, do Departamento de Ciência Política, mostra que, no período 1985-2014, entraram com maior força na cena internacional também os presidentes da República, parlamentares e os partidos políticos.

“A despeito de alguma resistência do Itamaraty, que não quer abrir mão do seu virtual monopólio, muita gente nova tem participado do processo. Ministérios criaram departamentos internacionais, ONGs fazem articulações além das fronteiras, jornalistas se especializaram, e acadêmicos estão muito mais preparados para pensar o lugar do Brasil no mundo”, afirma o pesquisador, que se dedicou mais diretamente a esse trabalho ao longo dos últimos sete anos.

Dawisson ressalta que a diplomacia brasileira se destaca pela qualidade – “estabeleceu-se como corpo burocrático há quase 200 anos e conta com protocolos maduros” –, mas ainda é muito elitista, com baixa representação, por exemplo, de mulheres e negros. “A organização se mantém hierarquizada e avessa à diversidade, e isso vem sendo questionado nas últimas décadas”, comenta o mestre (UFMG) e doutor (Uerj) em Ciência Política.

Uma das grandes novidades é o que ele chama de “diplomacia presidencial”, inaugurada por José Sarney, primeiro presidente após o regime militar, que articulou

com o argentino Raúl Alfonsín a criação do Mercosul. Fernando Collor ensaiou postura agressiva no breve período em que esteve no Planalto, e Itamar Franco foi introvertido.

“Fernando Henrique Cardoso, por sua vez, foi uma espécie de patrono da modalidade, e Lula aperfeiçoou o estilo, tanto em quantidade quanto em qualidade das ações. Ele levou ao apogeu o gênero presidente-diplomata, gerando exposição qualificada do Brasil no exterior”, diz o autor, acrescentando que a gestão de Dilma Rousseff representou recuo, mas que as críticas que ela sofreu foram muitas vezes exageradas.

Interesse dos partidos

Para escrever *Política externa na Nova República*, Dawisson Belém Lopes sintetizou literatura brasileira e estrangeira e entrevistou embaixadores – incluindo ex-chanceleres como Luiz Felipe Lampreia e Celso Amorim –, assessores diplomáticos, políticos e especialistas.

A obra abre espaço também para a análise do interesse dos partidos pelo tema. O professor da Fafich lembra que o PT procurou conexões internacionais desde seus primórdios, em busca da formação de uma grande frente de esquerda. O PSDB “aprendeu” muito nos governos FHC e amadureceu seu pensamento diplomático na oposição, instado a opinar sobre as políticas do PT. Segundo o autor, a política externa tem sido explorada também nas campanhas eleitorais – Lula, por exemplo, foi acusado de “despreparado” por José Serra, em 2002, e, mais tarde, condenado por alianças com regimes como o chavismo, na Venezuela.

Outra marca forte da vida diplomática nos últimos tempos, na visão de Dawisson Lopes, é a condição assumida pelo país de exportador de programas sociais, utilizados como fonte de influência sobre países da



Reprodução

África e América Latina. “O Brasil combinou ortodoxia macroeconômica com políticas sociais robustas e a imagem de contestador da ordem mundial”, diz o autor.

Dawisson enfatiza que a obra contraria a tendência histórica da política externa de se manter inacessível ao cidadão comum. “Trato o assunto como mais uma política pública e com a convicção de que um país democrático de fato deve abrir sua diplomacia à participação da sociedade”, conclui o pesquisador.

Livro: *Política externa na Nova República: os primeiros 30 anos*

Autor: Dawisson Belém Lopes

Editora UFMG

284 páginas / R\$ 47 (preço de capa)

EXPEDIENTE

Reitor: Jaime Arturo Ramírez – Vice-reitor em exercício: José Marcos Nogueira – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: Marcílio Lana – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto Gráfico: Marcelo Lustosa – Diagramação: Romero Moraes – Revisão: Cecília de Lima e Josiane Pádua – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 4,6 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG

Carta

9912388766/2015DRMG

UFMG

Correios